



ORGULHO E PRECONCEITO







JANE AUSTEN

ORGULHO E PRECONCEITO

Ilustrações de Tayrine Cruz
Tradução de Evelyn Diniz

TORDESILHAS
FABULOUS CLASSICS

Rio de Janeiro, 2025

Orgulho e Preconceito

Copyright © 2025 Tordasilhas Fabulous Classics é um selo da Alaúde Editora Ltda, empresa do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

ISBN: 978-65-5568-186-4

Translated from original Pride and Prejudice. PORTUGUESE language edition published by Tordasilhas Fabulous Classics.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

A95o
1.ed. Austen, Jane, 1775-1817
Orgulho e preconceito / Jane Austen ;
ilustração Amanda Carla ; tradução Evelyn Diniz. -
1.ed. - Rio de Janeiro : Tordasilhas Fabulous
Classics, 2025.
416 p.; 15,4 x 23 cm. - (Fabulous classics).
Título original: Pride and prejudice.
ISBN 978-65-5568-186-4
1. Ficção inglesa. I. Carla, Amanda. II. Diniz,
Evelyn. III. Título. IV. Série.
10-2025/262 CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura inglesa 823

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutz
Gerência Comercial: Claudio Lima

Produtora Editorial: Mariana Portugal
Tradução: Evelyn Diniz
Copidesque: Alberto Gassul Streicher
Revisão: Ellen Andrade
Capa: Beatriz Frohe
Diagramação: Joyce Matos
Ilustração: Tayrine Cruz
Prefácio: Ana Clara Mattoso


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:
 **alabr** ASSOCIADO 
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
EDITORES ASSOCIADOS



AMCOTRA



SUMÁRIO



Uma coreografia do intervalo:
a espera viva em Jane Austen, VIII

Parte 1, 1

Parte 2, 139

Parte 3, 247

Sobre a Autora, 393





UMA COREOGRAFIA DO
INTERVALO: A ESPERA
— VIVA EM JANE AUSTEN. —





Este não é, simplesmente, um texto sobre amor nos tempos de Jane Austen (1775–1817). Ou sobre o papel da mulher em seus escritos e a importância de suas criações para o feminismo dentro e fora da literatura. Tampouco é um texto que se detém, com precisão, na genealogia das autoras mulheres antes e depois de Jane Austen. Proponho algo diferente. Proponho uma leitura de sua obra a partir do símbolo da dança. E, mais do que isso, proponho um texto-dança, uma coreografia que cruzará, inevitavelmente, com todas essas questões: amor, autoria feminina, debates feministas — não há como escapar e não há motivos para querer fazê-lo —, mas que tentará se manter fiel a outra intuição. Pois farejo, para além disso, algo que se imprime na forma de *Orgulho e Preconceito* e que se observa também em outras obras austenianas: o ritmo e a cadência de suas narrativas.

Entre idas e vindas, as personagens de Jane Austen se encontram e se despedem, o que me parece sugerir um tipo de lógica do interstício. Isto é, no intervalo entre um encontro e outro, desdobram-se os pormenores da história; o cotidiano com suas sutilezas, conversas e gestos menores. Austen, de algum modo, pode ser associada ao que hoje entendemos como literatura menor, não no sentido de menos relevante, e sim na defesa do que acontece entre os grandes atos, e que, na verdade, é a própria vida acontecendo. Talvez, seguindo esse fio, a autora tenha jogado uma faísca na estrada do tempo, um sinalizador que apontava para o gênero contemporâneo de autoficção, e, mais do que isso, que iluminava espaços obscurecidos pelo predomínio das grandes narrativas.

Tais narrativas, sabemos, são aquelas do herói, do caçador, são as narrativas hegemônicas que nos contam sobre a guerra como motor da História; histórias que sufocavam as outras existências que, por não serem retratadas nos livros, pareciam desimportantes. Entre elas, certamente, as das mulheres. E o que dizer dos escritos sobre o que faziam essas mulheres enquanto esperavam por um possível casamento? E não um casamento que seria sua salvação — a mocinha na torre salva pelo príncipe encantado —, mas um casamento que fosse a sua escolha. Bem, essa foi a história que Austen quis contar. Ressalto: não a história do casamento, mas a história sobre A ESPERA.

Mas antes de aprofundar o que chamei de intuição acerca da obra austeniana, pergunto-me e lhe pergunto: o que existe em Austen que a torna indomável? Pois apenas um ser indomado é capaz de perseverar aos séculos e ainda parecer ter algo a dizer. Ainda sugerir um rugido que não foi escutado antes, e, logo, uma interpretação desse rugido que não coube antes. E Austen faz mais. Ela prova que um ser indomado pode se esconder nas salas de leitura burguesas, nas conversas entre mulheres que, na cumplicidade de um quarto, verbalizam seus desejos e se escutam desejantes. Nos passos inseguros da dama que é convidada, pela primeira vez, para dançar em um baile e que, ali, ao tocar na mão do cavalheiro, sente seu mundo todo parar e ser revirado por completo.

Até a próxima dança.

Pois Jane Austen é perspicaz nos intervalos — e aqui voltamos à tal intuição; interstícios e reviravoltas ocupam centenas de páginas até que, finalmente, a promessa de amor seja consolidada. São essas as marcações de tempo, as transições que demarcam que a vida segue e seguirá, que a espera não é esvaziada e desimportante, mas que, talvez, seja justamente nela que a vida se faz. É no passar dos dias que a vida se cria e toma suas direções, até alcançar os pontos de virada, os pontos que denotam o início de uma nova fase, ou uma nova era. Mas convenhamos, todos sabemos que não foi apenas um grande asteroide que levou à extinção em massa dos dinossauros na Terra. Quero dizer, não foi o evento isolado, a queda e o fim, e logo, o começo de algo novo e surpreendente. Mas foi o processo. E o processo, também sabemos, é mais misterioso e imensurável do que o evento. Afinal, o apocalipse redentor parece uma história mais épica para contar do que todas as pequenas narrativas que perseveram ao fim e se reinventam diariamente em pequenos gestos; pequenas revoluções.

Peço, por isso, que vocês, leitores desta nova edição de *Orgulho e Preconceito*, e, quem sabe, deste preâmbulo que o segue, visualizem estas páginas como uma dança. Uma coreografia de idas e vindas, de passos firmes, ritmados e vibrantes. Se você já leu o livro, agora ou em outro momento, ou se já assistiu a alguma adaptação da obra, então reconhecerá o movimento. Irá se lembrar, certamente, dos tão esperados bailes e, muito provavelmente, de Elizabeth Bennet, nossa protagonista, girando pelo salão. Se não, o sabor da descoberta lhe aguarda, e enquanto isso, ofereço algumas palavras que tentam dar contorno ao que chamo de “coreografia do intervalo”, uma

coreografia viva, atenta, e não muito distante dos sopros da sempre tão questionável realidade.

Antes de prosseguirmos, justifico a escolha de recorrer, em primeira instância, à imagem de uma dança. Faço isso pois *Orgulho e Preconceito* é uma dança. Aliás, uma CONTRADANÇA. Nessa coreografia, os pares avançam e recuam de forma enérgica; as damas e os cavalheiros, juntos em pares, podem assumir outras posições, trocando as duplas ou, apenas, trocando de lugar nas fileiras que compõem o coletivo dançante. A contradança, assim, presume uma performatividade própria aos corpos que flutuam. Não há nenhuma garantia de que os lugares ocupados por esses corpos durante a dança permanecerão os mesmos. É necessário se mover para que a coreografia continue. É necessário experimentar outros arranjos para que o ritmo não caia na monotonia. É necessário, ainda, que a espontaneidade esteja atrelada à racionalidade, pois os movimentos, por mais intuitivos que pareçam ser, ou, por mais apaixonados que pareçam ser, não escapam da métrica coordenada de um cortejo preestabelecido e obediente às regras do século XIX.

A repetição dos passos a cada baile funciona como um ensaio. E não apenas um ensaio coreográfico, mas um ensaio sobre parcerias e a possibilidade de testar outras formas de exercê-las, ou, até mesmo, outras formas de aliança. Novos pares ou pares antigos, já definidos, se rendem ao mistério da noite e à promessa de liberdade — o corpo, pelo tempo de uma dança, não precisa responder à conformidade social, ou aos contratos matrimoniais, ou à idade de cada dama e cavalheiro envolvidos na coreografia. A contradança, nesse sentido, espelha os relacionamentos e acordos firmados na sociedade inglesa onde Jane Austen nasceu e cresceu. Elemento essencial em suas obras, incluindo *Orgulho e Preconceito*, os bailes, nos quais as personagens eram introduzidas ao convívio social, vibravam — e respondiam — ao ritmo das mãos que se entrelaçam e se soltam na mesma velocidade, nos segredos sussurrados entre os rodopios, no silêncio capaz de ser mais denso do que a própria música.

Quando a mão de uma dama era solicitada por um nobre cavalheiro da Era Vitoriana, os olhares atentos das famílias de cada condado inglês logo se eriçavam. Era o bastante para começarem as especulações: será que o casal se repetiria em outra dança? Será que haveria um convite formal para um jantar, nos dias subsequentes à noite do baile? Será que, em breve, haveria um casamento anunciado? O mesmo acontecia na situação inversa, isto é,

quando a dama permanecia sozinha sem par, e o que restava era menos especular e mais reclamar. Se a moça fosse dona de uma índole respeitável e aparência, no mínimo, modesta, recaía sobre os cavalheiros do recinto as devidas reclamações: COMO OUSAVAM? Agora, se ela fosse insolente, muito apresentada, ou pouco bonita para os padrões da época, ali tinha início um enxame de consternações: ora era bem feito, ora pobrezinha.

A contradança, por sua vez, ignorava os efeitos de seus arranjos. Quem dançava poderia até estar atento sobre os inevitáveis comentários que qualquer configuração pudesse gerar. Mas a dança, em si, era para ser dançada. Seu ritmo exigia dos dançarinos concentração, sintonia, e, o mais importante, um estado de espírito presentificado. A presença, contudo, pouco nos conta sobre imobilidade ou rigidez; o que ela evoca, ao contrário, é a disposição à quebra, a ser alterado e a experimentar o próprio corpo em contato com o outro.

Se Jane Austen foi consagrada um dos maiores nomes da literatura mundial e continua a ser lida com a mesma voracidade de antes — além de suas obras serem constantemente adaptadas para outros formatos e reeditadas em novas traduções e revisões ano a ano —, talvez isso se explique por sua própria capacidade de reinvenção. Austen é atemporal porque suas histórias estavam mais interessadas na dança do que na tese. E não que elas deixem de operar enquanto importantes testemunhos das diferentes imposições às quais uma mulher era sujeitada, e, por outro lado, de suas faculdades de subvertê-las. Mas talvez impere, em seus livros, o predomínio de uma força que se expressa mais pela potência, do que pela negação: o desejo.

É a voz ativa do desejo, proferida por mulheres do século XIX, que torna Jane Austen imortal. É, ainda, a confusão nos afetos, as múltiplas camadas que os embaralham e a sinceridade sobre a paixão não ser uma via dócil, estável e sem conflitos. Como na contradança, entra em jogo a racionalidade dos passos coreografados — na repetição, contudo, aparece sutilmente a diferença.

Austen não se abstém de colocar à prova paradigmas entre diferentes classes sociais, o direito à propriedade e o direito a fazer escolhas. Em sua acidez cômica, convoca a irreverência como ferramenta de equivalência entre homens e mulheres. Sobra espaço para o deboche, para a sagacidade e para a tenacidade da mulher que não teme ser silenciada. As protagonistas de Jane Austen caminham longas distâncias sem se importarem com a lama na barra

de seus vestidos. Elas não se importam com a lama e ponto final. A dança continua e elas gostam de dançar. Elas também gostam de rir. E riem com gosto. Riem alto. Riem sem medo de ficarem menos bonitas por isso. A beleza, aliás, não é a primeira qualidade das protagonistas de Austen.

Elizabeth Bennet não é a mais bonita das cinco irmãs. Evidentemente, ela é bonita o suficiente para ser cortejada, mas não é dona de uma beleza irrevogável. Logo no primeiro baile, inclusive, seus atributos físicos são questionados pelo homem com quem, ao longo da narrativa, ela irá experimentar uma sequência de encontros e desencontros. Mas ela não se resigna. Sua mente é sagaz, as palavras nunca escapam da sua boca — Elizabeth sabe muito bem o que diz e como diz. O domínio crítico e racional do pensamento, o atrevimento de sua fala pontiaguda e os belos olhos selvagens são ressaltados como suas características principais. Mas há algo além. Lizzy sabe dançar. Não necessariamente a contradança em si, mas a coreografia do intervalo a qual Austen se filiava e aprimorava em suas personagens. Pois Elizabeth Bennet escolhe habitar a espera. Escolhe povoá-la de forma a não sucumbir à ansiedade ou à melancolia que espreita muitas personagens femininas. Nesse sentido, eis a pergunta: como se relacionar, hoje, com um tempo que permitia a espera?

Diante de uma modernidade ou pós-modernidade feroz, acelerada, tecnológica e de jornadas duplas (duplas?) para as mulheres, que sobrepõem trabalho, cuidados de si, manutenção do lar e das relações interpessoais, aprimoramento intelectual, lazer e tantas outras demandas, como se ver em Elizabeth Bennet? Não nos enganemos, a identificação é uma das chaves para que uma história perdure e resista aos séculos. Se Austen oferece, por um lado, poucos elementos relacionáveis ao nosso cotidiano, ela preenche as rotinas de suas personagens com gestos, conflitos e reflexões que pouco se alteraram. Assim, se podemos apenas sonhar com uma rotina desacelerada permeada por caminhadas, jantares, bailes e leituras sem pressa, e podemos nos transportar para ela a partir dos escritos da autora, conseguimos realizar tal transposição porque apesar de toda diferença, ainda reconhecemos aquelas mulheres. Ou, ainda nos reconhecemos nelas.

Pois nós também caminhamos, jantamos, dançamos e lemos. Mesmo que pautados por uma concepção temporal diferente, conseguimos nos relacionar com a família Bennet a partir das atividades e conversas mundanas, banais, menores, que costuram os dias e dão sentido à espera por algum

grande acontecimento que nos lance ao entusiasmo. E elas geralmente não são solitárias. O espaço da troca e a companhia são elementos valiosos para Austen, afinal, é por meio deles que os conflitos são gerados. Na trama, Elizabeth conhece o Sr. Darcy, um jovem rico e arrogante, melhor amigo do pretendente de Jane, a filha mais velha e mais bonita dos Bennet, além de ser a irmã mais querida por Lizzy. Confidentes, as duas partilham as amarguras e as delícias dos primeiros amores, e juntas, refletem sobre a posição social da mulher, defendendo o direito à paixão, ao desejo e às relações pautadas no amor. O que elas parecem confidenciar é que fosse naquele tempo, hoje ou sempre, uma mulher feliz pode ser algo revolucionário.

Lizzy, que gosta tanto de caminhar, me lembra das palavras de Ursula K. Le Guin (1929–2018), escritora e ensaísta feminista, em seu disruptivo ensaio *Teoria da bolsa de ficção* (1989). Nele, a autora se debruça sobre a história da coleta, e defende que foi a cesta, a bolsa, a sacola ou qualquer outro recipiente que guarde coisas, a invenção responsável por fazer a espécie humana prosperar. *Não, não foi a lança*. Ela diz. Foi a bolsa que guardava as sementes coletadas por mulheres e outras pessoas que não saíam à caça, o importante instrumento que, na nossa escala de evolução, nos trouxe até aqui. E a bolsa não guardava apenas sementes, ela guardava histórias. Ou ESTÓRIAS. Pequenos relatos ordinários junto com pequenas (ou enormes) risadas ordinárias dadas em longas caminhadas ordinárias. No entanto, essas estórias, como já mencionei, não eram épicas e grandiosas como aquelas dos caçadores, os homens másculos que enfrentavam seus medos e venciam mamutes, alimentando toda a comunidade.

Bom, sabemos qual dessas duas histórias vingou, e porque ela vingou. Contudo, nós já sabemos também que essas caças eram raras e que a base da alimentação de nossos antepassados estava pautada nas frutas, sementes e outros alimentos coletados por aquele outro grupo, o grupo das mulheres, de suas crianças e dos rejeitados pelos homens másculos. Coletas que aconteciam na espera até que o evento épico enfim acontecesse. O que essas pessoas sabiam, assim como as personagens de Jane Austen, é que nós precisamos viver até lá, e viver é uma tarefa que exige a repetição constante do ordinário: caminhar, coletar, contar estórias e repetir.

Le Guin, em sua divagação, ainda nos pergunta quais são as estórias que queremos nutrir para o nosso futuro, uma vez que já sabemos para onde as grandes narrativas nos levaram. Austen, de alguma forma, parece nos lançar

a mesma questão. O futuro de suas personagens não nos é contado, acessamos, apenas, uma fração de suas vidas, suas esperas e como fazem para inventar a cada dia uma nova dança para habitar o intervalo. Escutamos suas conversas, seus sonhos; lemos as suas cartas, conhecemos seus jardins e lagos; viajamos com elas e descobrimos com isso comentários sobre uma época que mesmo tão distante da nossa, ainda conseguimos escutar seus ecos.

O direito a viver e morrer bem, a ter uma casa e um amor, independentemente da beleza ou da idade, parecem temas românticos, mas eles são, na verdade, vitais. E Jane Austen entendia isso. Ela, que teve apenas quatro de seus romances publicados em vida, e por pouco não permaneceu no anonimato (autoras não costumavam assinar suas obras à época), viveu uma vida muito próxima a de suas personagens — restrita ao contexto doméstico e ao contato com a família, com exceção dos bailes, passeios pela cidade e viagens para visitar familiares. Austen, porém, diferente delas, nunca se casou. Pouco sabemos sobre os romances e aventuras que viveu, já que boa parte de suas correspondências e anotações foi queimada pela irmã após sua morte. Nessa lacuna biográfica, emanam aquelas mesmas faíscas que sinalizam o caminho para as próximas autoras (e leitoras) que seguirão seus rastros. No vazio das certezas, restam seus escritos; uma coreografia do intervalo que nos mobiliza ao desafio: se Elizabeth e suas irmãs cultivavam seus sonhos e acreditavam, cada uma a seu modo, na autonomia feminina e lutavam por ela, talvez caiba a nós, seguidoras e seguidores das faíscas de Jane Austen, abraçarmos o vazio e habitarmos a espera com a devida potência que nos cabe.

